

Poesia na Comunicação da Fé Evangélica: em Busca de Alternativas Contra Dominações Religiosas a Partir da Própria Fé¹

Isabella PICHIGUELLI²
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

RESUMO

O tema deste artigo são as possibilidades para a poesia surgir em comunidades de fé evangélica, em específico, a partir das proximidades com a heresia e a profecia. O objetivo é ampliar o conhecimento sobre quais são as passagens e os alcances (bem como quais são as barreiras e os limites) para a poesia em igrejas evangélicas no Brasil, especialmente nos momentos destinados à comunicação da fé, nas situações litúrgicas. O método para tanto é o da revisão bibliográfica, com fundamentação teórica que se concentra, principalmente, em dois autores: Rubem Alves e Walter Brueggemann. A relevância dessa pesquisa está em compreender quais são as alternativas, nesse contexto religioso, a uma hegemônica concepção fechada de realidade que, por consequência, trabalha em favor dos sistemas de dominações religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e religião; Fé evangélica; Poesia.

INTRODUÇÃO

Esse artigo parte de um projeto de pesquisa mais amplo, que se dedica à discussão sobre o lugar da poesia no âmbito da fé evangélica no Brasil, na busca por compreender em que medida aparecem e de que forma são abordadas as parábolas bíblicas em cultos de igrejas evangélicas brasileiras transmitidos pela plataforma midiática YouTube, principalmente nos espaços destinados à comunicação dos textos bíblicos, ou seja, nos momentos comumente chamados de *pregação* – mas que poderiam ser conhecidos como *proclamação*, como será indicado ao final deste texto.

Essa pesquisa mais ampla parte da hipótese de que há um apagamento das parábolas bíblicas em pregações de igrejas evangélicas; o que pode estar ligado a uma hegemônica concepção fechada de realidade, já que o poético, em sentido contrário, apresenta-se como potência comunicativa de abertura (diante/e) do mundo.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba, e-mail: isbellareisps@gmail.com.

De modo sucinto e inicial, a poesia tem como particularidade a não aspiração ao estabelecimento de significados unívocos, pretensão que, por sua vez, é idiosincrasia dos discursos (PAZ, 1982; FLUSSER, 2007). Na poesia, por outro lado, prevalecem a ambiguidade e a polissemia (PICHIGUELLI; SILVA, 2017).

Apesar das pregações em igrejas evangélicas terem, via de regra, cunho discursivo, a Bíblia – conjunto de textos sobre os quais se debruçam nas pregações – possui inúmeras passagens que se caracterizam pela metáfora, que “antes de ser uma figura de linguagem, é uma forma de linguagem, aprofundando e gerando indefinições de entendimento” (LEONEL, 2011, p. 112).

Essas indefinições de entendimento evidenciam tais passagens bíblicas como artísticas e, portanto, abertas a novas leituras, percepções, relações ou interpretações; abertura que, por sua vez, coloca em questão a categoria da verdade: objeto de uma disputa, no campo religioso, que envolve a conquista de adeptos, de visibilidade e de influência pública, na qual a articulação com as mídias é tomada como estratégia (MARTINO, 2016). É a categoria da verdade que faz com que o novo – que emerge da abertura dos elementos poéticos, artísticos – possa ser compreendido, no campo religioso, não raras vezes como perigoso ou simplesmente como mentira (PICHIGUELLI, 2020).

Nesse contexto de pesquisa, que se dá em um campo de tensões entre, por um lado, a imposição da verdade – modo de operação que trabalha em favor dos sistemas de dominações religiosas, nos quais a comunicação se realiza, paradoxalmente, pelo silenciamento das divergências (SIGNATES, 2020) –; e, por outro lado, a relação com elementos textuais artísticos, o objetivo é compreender quais outros aspectos poéticos, além das parábolas bíblicas, podem ser encontrados e/ou trabalhados nas ambiências da fé evangélica, a fim de alargar nossa compreensão sobre o que abarca a poesia e o que dela pode se manifestar nos momentos que constituem o recorte do mencionado projeto: as pregações em cultos evangélicos transmitidos pela plataforma midiática YouTube.

Para tanto, e apenas como um dos passos de um estudo muito maior, a proposta é realizar uma revisão bibliográfica que se deterá em dois autores principais: Rubem Alves (2005), poeta ex-teólogo brasileiro que a partir de sua obra “Religião e Repressão” possibilita ver proximidades entre heresia e poesia no campo religioso evangélico; Walter Brueggemann (1983), teólogo americano que no livro “A Imaginação Profética” indica as relações entre profecia e poesia no contexto de igrejas evangélicas. As noções de cada autor sobre poesia no âmbito evangélico serão primeiro apresentadas à parte, para que

depois sejam realizadas considerações a respeito das possíveis semelhanças e divergências entre elas, além de quais são as características que têm em comum ou não com o referencial teórico sobre poesia utilizado como ponto de partida.

RUBEM ALVES: DA POESIA COMO HERESIA

A obra de Rubem Alves, *Religião e Repressão*, foi publicada pela primeira vez sob o título *Protestantismo e Repressão*, em 1979, fruto de sua tese de livre docência na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na qual se aposentou como professor emérito e com a autodispensa, nos anos 1990, da qualificação de teólogo: preferia ser conhecido como educador, psicanalista (área em que concentrou seus estudos posteriores) ou poeta (CAMPOS, 2008). A mudança de título da obra deve-se a uma percepção do autor de que suas considerações, que giram em torno da ideia de um conhecimento absoluto sobre o mundo, não são limitadas ao protestantismo (ALVES, 2005).

Apesar de não limitada ao protestantismo, é a partir desse campo religioso que a obra *Religião e Repressão* é desenvolvida. Protestantismo, entretanto, não como conceito científico que pretende se referir ao todo de um determinado grupo de igrejas, afinal, há uma pluralidade de denominações evangélicas no Brasil que impede generalizações. Ainda no interior (e entre) as igrejas, existem diferentes vivências religiosas, por isso, Alves (2005) defende que o mais adequado é o estudo por meio do estabelecimento de tipos ideais, capazes de delinear as unidades lógicas (estabelecidas socialmente por meio da linguagem) que norteiam as consciências coletivas que permeiam essas igrejas, evidenciando, “por um lado, as suas emoções fundadoras e, por outro, a estruturação de mundo que se constrói sobre tais emoções” (ALVES, 2005, p. 38).

É desse recorte que emerge o tipo ideal chamado Protestantismo da Reta Doutrina, sobre o qual a obra se aprofunda, pelo interesse do autor na capacidade desse tipo ideal (abreviado como PRD) de se sobrepôr aos demais e às vozes dissidentes com violência, por meio de ações políticas concretas³. Para Alves (2005), a característica principal do PRD é a ênfase na concordância com uma sequência de concepções doutrinárias que devem ser afirmadas sem sombra de dúvidas e tomadas como expressões da verdade.

³ É necessário lembrar que o livro foi publicado pela primeira vez em 1979 e, posteriormente, em 2005: antes das redes sociais digitais conforme conhecemos contemporaneamente, nas quais as vozes dissidentes possuem mais espaço para se articularem. Entretanto, cabe pontuar que mesmo na esfera midiática digital, emergem os conflitos, as tensões e as sobreposições da violência linguística (CUNHA, 2017).

A apropriação da verdade, porém, contrapõe-se à experiência da fé, pois nela “afirma-se a paixão como a experiência fundadora. Segue-se o conhecimento como dúvida e visão precária. Permanece a visão precária. Na tentação, entretanto, estabelece-se o conhecimento absoluto como ponto de partida e sobre ele se assenta a existência” (ALVES, 2005, p. 112). Em outras palavras: à medida que o conhecimento sobre o mundo é determinado por um conjunto de dogmas aceito como verdade inquestionável, tanto a fé quanto a própria experiência no mundo se tornam desnecessários: a realidade se fecha, reduz-se a um conhecimento fixo a seu respeito.

A concepção fechada de realidade, por consequência, interdita o surgimento do novo. Esse “protestantismo, como afirmação de um conhecimento absoluto, não pode, portanto, aceitar que a história seja um processo de geração de novas possibilidades” (ALVES, 2005, p. 191). Até mesmo o futuro perde sua característica de ineditismo e de imprevisibilidade, pois tudo é interpretado a partir do que dele já foi dito. Por esse motivo, a obstrução também se dá – ainda que sejam diferentes – à poesia e à heresia, uma vez que envolvem o mesmo processo: de criatividade, de geração de novas perspectivas.

O impedimento à poesia ocorre por meio da anulação da linguagem simbólica, apontada também como a linguagem da fé, pois o que se pretende comunicar está além da capacidade de expressão verbal: “existe uma descontinuidade entre as estruturas da razão e o divino. Daí a impossibilidade de se falar sobre Deus por meio de signos e a necessidade do uso de símbolos” (ALVES, 2005, p. 134). Por signos, Alves (2005) entende aquilo que designa de maneira unívoca e diretamente um fato, ou seja, aquilo que possui uma só significação, específica e precisa.

O problema está em que uma linguagem em que signo e significação se encaixam perfeitamente é, no limite, um sistema matemático, pois as palavras sempre podem significar mais de uma coisa. Somente uma linguagem que ignora sua dimensão simbólica pode requerer para si o estatuto de verdade absoluta sobre o mundo. Daí o interdito à poesia, que por ser simbólica, é interpretada como inconciliável com a verdade. Entretanto, essa incompatibilidade é questionada por Alves (2005, p. 126): “O poeta, que faz a sua imaginação voar, e que fala acerca do ausente, estará empregando a sua linguagem no campo da falsidade, por não poder ser empiricamente verificável?”.

Até mesmo a poesia que há na Bíblia é suspendida no Protestantismo da Reta Doutrina. Elimina-se a comunicação bíblica que se faz de modo indireto, simbólico, mediado. O texto sagrado deixa de ser lido como livro de testemunhos e de confissões,

expressões de experiências vitais e de sentimentos. “Porque a experiência da fé não pode ser expressa diretamente, todas as formas de linguagem são inadequadas. Em outras palavras: a fé proíbe o dogma” (ALVES, 2005, p. 110). Mas o contrário, como já exposto, também ocorre. Por isso, para que a linguagem da verdade impere, a Bíblia passa a ser compreendida por meio de uma interpretação prévia e final, sem espaço para dúvidas.

Inibe-se a poesia e, por meio do mesmo procedimento, a heresia. Apesar dessa proximidade, a heresia pode divergir da poesia. Herege é aquele que nega a pretensão a um conhecimento absoluto em uma comunidade eclesial, rejeita o que foi socialmente definido como verdade e, mais que isso, estabelece uma contestação política, pública, para que suas ideias passem a ser aceitas por todos. Herege é aquele que:

Recusa a repetição. Atreve-se a dizer o novo. Pressupõe que a verdade não se esgotou no passado. Recusa o dogma. Propõe novos mundos. Anuncia novas visões. Cria valores. Não se move, respeitosamente, entre os pilares de um mundo já construído, tentando descobrir atalhos para seus propósitos pragmáticos. Não trapaceia. Destruidor de mundos. Iconoclasta. Rejeita que o discurso seja idêntico ao ser. E se o divino está mais além do discurso, a verdade não pode ser afirmada como uma posse. Verdade é um horizonte, o objeto de uma busca (ALVES, 2005, p. 325).

Ainda que a heresia parta – tal qual a poesia – da experiência de uma realidade aberta, não reduzida a um conjunto pré-determinado de doutrinas, o direcionamento herético difere do poético. Enquanto a poesia, linguagem da fé, proíbe o dogma, a heresia pode converter-se em dogma, não obstante seu caráter inicial contestador. A recusa ao conhecimento absoluto do herege é capaz de cessar tão logo seus argumentos sejam reconhecidos e adotados como verdade. Desse modo, é mais adequado afirmar que a heresia é a rejeição a um (e não ao) conhecimento absoluto.

É por isso que a diferença entre hereges e ortodoxos (defensores dos dogmas) não se assenta sobre uma questão de quem possui a verdade, mas de quem tem poder: “Ortodoxos são aqueles que tiveram poder político para impor suas definições. Ortodoxia, portanto, contém sempre as ideias dos mais fortes” (ALVES, 2005, p. 152). Uma vez que ascendem ao poder, não há nada que impeça hereges de se transformarem em ortodoxos.

Há, portanto, uma diferença entre poesia e heresia, que pode ser identificada a partir da leitura da obra de Rubem Alves. Em resumo: a poesia, na comunicação da fé, pode dar asas à heresia, porquanto se realiza a partir de uma experiência da realidade como aberta; a heresia, porém, nem sempre gesta poesia, pois no seu abrir de mundo, nem

sempre abre mundos abertos. Se é este o entre da poesia e da heresia, no campo religioso evangélico, cabe agora observar como se dão as relações entre profecia e poesia.

WALTER BRUEGGEMANN: DA POESIA COMO PROFECIA

Diferentemente de Rubem Alves, o teólogo americano Walter Brueggemann não faz uma análise a partir de distintos tipos ideais que perpassam as igrejas evangélicas de seu país, mas em seu livro *A Imaginação Profética*, publicado pela primeira vez em 1978, tece comentários sobre como a profecia é compreendida pelo que o autor chama genericamente de Igreja americana, e sobre como a profecia pode ser entendida por meio do estudo dos comportamentos e das ações de profetas que são retratados na Bíblia.

A única distinção realizada por Brueggemann (1983) – especialmente com relação à noção de profecia – é entre perspectivas conservadoras e progressistas. Para o autor, essas duas alas tendem a reduzir a concepção do que é um ministério profético. Enquanto conservadores usualmente focam nos aspectos futurísticos da profecia, como declarações sobre o que ocorrerá em um tempo que ainda há de vir, os progressistas costumam voltar as atenções para os aspectos de crítica social da profecia, como declarações de indignação acerca do que está ocorrendo no tempo presente.

Apesar de serem características que certamente compõem o ministério profético, não são capazes de defini-lo em sua completude, de acordo com o teólogo americano. Sinteticamente, para Brueggemann (1983, p. 12): “A função do ministério profético é alimentar, nutrir, fazer surgir uma consciência e uma percepção alternativa à consciência e à percepção culturais dominantes à nossa volta”. Com a expressão “dominantes”, o autor refere-se não às que formam maioria em uma comunidade/sociedade, mas àquelas que exercem dominação sobre a vida, nas quais impera o totalitarismo, extirpa-se a liberdade e não existem possibilidades de mudanças.

Brueggemann (1983) faz questão de evidenciar que, apesar de profecias serem proferidas a agentes dominantes em determinadas situações históricas, ultrapassam essas manifestações temporais, pois dirigem-se, em última instância, à consciência dominante – também chamada de consciência do rei ou consciência régia –, o que quer dizer: aquela que torna possível a existência de totalitarismos.

É nesse contexto reflexivo que o teólogo americano promove uma aproximação entre profecia e poesia. A poesia é a prática do profeta, pois é por intermédio dela que se exerce a criatividade imaginativa necessária para que se destitua a consciência dominante:

“A vocação do profeta é conservar viva a função da imaginação, conservar-se, relembrando e propondo futuras alternativas a cada um daqueles aos quais o rei quer persuadir de que uma única forma de vida é possível” (BRUEGGEMANN, 1983, p. 55).

E embora alguns profetas bíblicos, como Jeremias e Isaías, tenham estruturado profecias em poemas, não são estes aspectos formais que fazem da imaginação poética a maneira de desafiar a realidade dominante. Brueggemann (1983) passa a discorrer, então, sobre como ser profético, mencionando, com esse intuito, as poesias de profetas bíblicos, sem mais diferenciar, a partir desse momento, o que é poesia e o que é profecia. À parte a possibilidade de distinguir entre uma e outra noção, interessa, para esta discussão, prosseguir na exploração dos pontos de convergência entre o profético e o poético.

Se o primeiro ponto de aproximação está na imaginação criativa que impele a ver a realidade de modo alternativo ao de uma consciência dominante, a segunda proximidade está na experiência da angústia. Para tal paralelo, é propício colocar o autor em diálogo, entre outros autores possíveis, com Paz (1982). Antes, porém, cabe expor o pensamento do teólogo americano, que argumenta que a consequência de uma consciência dominante – na qual não há perspectivas de mudanças – é o torpor, ou seja, a apatia, a indiferença, a incapacidade de se envolver, de sentir e até mesmo de se entusiasmar. O profeta, entretanto, sente, sofre, se angustia e tenta, em seu ofício, levar angústia por meio de suas palavras. Isso porque “o rei é encarregado de ordenar e preservar a ordem social e por isso, voltar ao caos é anunciar, implicitamente, o fracasso do reinado e seu fim” (BRUEGGEMANN, 1983, p. 69).

De modo semelhante, Paz (1982) entende a angústia como experiência à qual a poesia leva, na medida em que revela a condição fundamental (ou original) humana:

Essa condição é essencialmente defeituosa, pois consiste na contingência e na finitude. Assombramo-nos ante o mundo porque ele nos parece estranho e “sem hospitalidade”; a indiferença do mundo para conosco provém do fato de que em sua totalidade não tem outro sentido senão o que lhe outorga nossa possibilidade de ser; e essa possibilidade é a morte (PAZ, 1982, p. 180).

Para mencionar a possibilidade da morte como possibilidade de ser, Paz (1982) argumenta que desde que o ser humano nasce, já está lançado para a morte, daí a noção de condição original humana. E ao contrário do que pode parecer, essa condição original não é negativa: “A morte é o vazio, o espaço aberto, que permite o passo para adiante. O

viver consiste em termos sido jogados para o morrer, mas esse morrer só se cumpre no viver e pelo viver” (PAZ, 1982, p. 182).

É esse passo adiante, por meio da morte, que é propulsionado pela profecia, segundo Brueggemann (1983, p. 77): “Esta tradição da fé bíblica sabe que a angústia é a porta da existência histórica, que assumir o fim permite novos começos”. E precisamente por isso, por abrir caminho para novos começos, que o ministério profético abarca tanto o despertar da angústia quanto a motivação da esperança. Não uma esperança passiva, mas ativa, uma vez que retira a consciência do torpor, da apatia, e, conseqüentemente, da aceitação da “definição do rei referente à existência” (BRUEGGEMANN, 1983, p. 94).

Quanto à esperança, ainda, o autor adverte que pode ser cooptada pela consciência do rei, fazendo das promessas – imaginações proféticas – uma posse daqueles que tentam dominar a realidade social. É por isso que a esperança da profecia não pode ser direcionada inteiramente ao tempo presente, pois isso permite que seja manipulada e que perca sua capacidade de apontar para novos futuros. Nesse sentido, no exercício da profecia, a “difícil missão deve ser tentar e conseguir expressar um futuro que a ninguém seria imaginável” (BRUEGGEMANN, 1983, p. 85). Tal qual a poesia, a profecia só o é se continuar em sua potência de abrir mundos: “Esta forma de desprendimento angustiado leva a uma aspiração fecunda e a aceitação convicta da transitoriedade do presente levamos à novidade do futuro” (BRUEGGEMANN, 1983, p. 149).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Menina, amanhã de manhã
Quando a gente acordar
Quero te dizer que a felicidade vai
desabar sobre os homens
- Perna / Tom Zé*

A busca desse artigo foi por compreender quais aspectos poéticos se relacionam com a heresia e com a profecia no contexto religioso cristão – evangélico, a partir da leitura das obras “Religião e Repressão”, de Rubem Alves, e “A Imaginação Profética”, de Walter Brueggemann. A motivação para tal investigação encontra-se no pressuposto de que há, no campo religioso evangélico, uma hegemônica concepção fechada de

realidade, ao passo que a poesia não somente compreende a realidade como aberta, mas como possui a capacidade de abri-la.

Das leituras realizadas, esse é o ponto de convergência entre os três conceitos, aquilo que há de comum entre poesia, profecia e heresia: a capacidade de abrir a realidade, de fazer emergir a novidade, de exercer a criatividade em relação àquilo que já está posto. É por isso que a poesia, embora possa abarcar – e abarque – diversificados temas, quando se funde com o campo religioso, pode ser considerada tanto herética, em alguns casos, quanto profética, em outras situações; ou, ainda, profecia e heresia ao mesmo tempo.

Por serem capazes de criar novas possibilidades de/no mundo, poesia, heresia e profecia contrapõem-se a verdades apresentadas como inquestionáveis, absolutas, entretanto, podem realizar esse confronto de modos distintos, e é nessa distinção que heresia e profecia apresentam suas possibilidades de descolamentos da poesia. Pelas reflexões proporcionadas por Rubem Alves e por Walter Brueggemann, é possível afirmar que o descolar da poesia acontece quando se abdica da linguagem simbólica no comunicar da heresia ou da profecia e elas, como consequência dessa dispensa, voltam-se inteiramente para as especificidades de um tempo presente, ainda que sejam especificações que tratem sobre um futuro.

Ao abdicar da linguagem simbólica, a contraposição a uma verdade absoluta – uma heresia – não passa de um dogma não-oficial e não reconhecido pela maioria, não elevado à categoria de ortodoxia, que pretende ser a própria verdade absoluta, uma vez que passa a utilizar a linguagem discursiva, que não aceita significados outros que não os que foram especificados no tempo de sua enunciação.

Desconsiderada a linguagem simbólica, a profecia não passa de conhecimento que reforça a concepção fechada da realidade, pois tudo a respeito dela já foi dito, inclusive o que há de vir. As palavras proféticas, ignoradas como poéticas, deixam de abrir novos olhares sobre o presente, pois é o tempo presente (a compreensão de um enunciado em dado momento histórico) que dita o olhar sobre como será o futuro.

Ao pensar sobre as possibilidades de emersão da poesia no campo religioso evangélico, com atenção à heresia e à profecia, o que se observa é que não importa tanto o que se diz ou como se diz (por exemplo: não importa tanto o fato de ser uma afirmação dissidente daquela dominante, ou o fato de ser apresentada na estrutura de um poema), mas sim com que finalidade ou, mais precisamente, com que potência se diz: de abrir mundos, de estimular a imaginação.

Essa compreensão coloca ainda outro desafio, pois é necessário ultrapassar a atenção *ao quê e ao como se diz*, na busca pela poesia em determinado contexto. Se o mais decisivo é a potência de abrir mundos e de estimular a imaginação, a partir das ideias de Rubem Alves e Walter Brueggemann, pode-se afirmar que é preciso observar se aquilo que se diz parte de dentro da experiência no mundo e para a experiência no mundo – e não para um conhecimento absoluto sobre o mundo, ou de dentro de um conhecimento absoluto sobre o mundo que ignore, dispense ou mesmo interdite a experiência no mundo.

É somente a partir e para a experiência no mundo que se pode apreender e fazer poesia: a criação do mundo. E é justamente por isso que indicamos – ironicamente, por fim –, como em um abrir que faz jus às discussões sobre abertura tecidas até aqui, a possibilidade de se chamar a pregação de *proclamação*, mais próxima à poesia e à experiência. No lugar da palavra que remete ao prego que fixa, o verbo que se libera. Proclamar é uma das traduções possíveis para a expressão *preach*, utilizada no inglês para o ato que aqui ficou consolidado como o ato de pregar. Essa é uma proposta, entretanto, a ser desenvolvida em outro trabalho. Apenas para inaugurar este, em seu último ponto.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BRUEGGEMANN, Walter. **A Imaginação Profética**. São Paulo: Editora Paulinas, 1983.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. O discurso acadêmico de Rubem Alves sobre "protestantismo" e "repressão": algumas observações 30 anos depois. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 102-137, 2008.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital**. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- LEONEL, João. A Bíblia como literatura: lendo as narrativas bíblicas. In: ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares e LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.
- MARTINO, Luís Mauro Sá Martino. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PICHIGUELLI, Isabella. Comunicação e arte na interface com a fé evangélica: problemáticas a partir de Flusser e Rookmaaker. **Temática**, João Pessoa, v. 16, n. 9, p. 65-79, maio de 2020.

PICHIGUELLI, Isabella; SILVA, Míriam C. C. Comunicação, Poesia e o Religare. **Comunicologia**, Brasília, v.10, n. 2, p. 3-18, jul./dez. 2017.

SIGNATES, L. O fundamentalismo como proselitismo de legitimação: o que há de comunicação na incomunicabilidade religiosa. **Horizonte**, v. 18, n. 56, p. 485, 31 ago. 2020.